

M 100

BA

C M - Maio 1952

27/12/60

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### DE BARCO

**F**ORTE de São João, Laje, Santa Cruz — e depois êsses caminhos que se perdem no mato, essas prainhas que se abrem debaixo de umas árvores, entre dois rochedos.

Não sei se estamos na Charitas ou em Jurujuba; de meu barco vejo, com preguiça, "pequenas casas côr-de-rosa com janelas azuis. Eu escrevi — "meu barco" — e o barco não é meu. Mas neste momento está sendo. Entre as árvores, escondida, no alto do morro do Cavalão, está a casa do Caloca.

O barco não é meu, a casa não é mais de Carlos Leão, mas a propriedade não é um furto, é uma pilhéria. Se nesta manhã de sol desapareço da cidade e fujo para as águas azuis, e levo amigos, e nos rimos, e bobeamos pelas praias e ilhas, e comemos camarão frito na casca, e bebemos cervejinha gelada, e nos sentimos ainda mais amigos porque o mar é azul e o sol é louro — então alguma coisa, neste barco, já é eternamente minha.

Quem comprou a casa e as árvores de Carlos Leão no morro do Cavalão? Nem sequer sei o nome dêsse homem feliz, mas devo confessar a êle que a sombra da mangueira é um pouco minha; êle não comprou a sombra. A sombra quem a faz é o sol, quem a azula é a lua, que a deixa perene no ar, remota mas fresca, é a saudade. E o tempo não vence a realidade mais profunda das coisas; dos pés que pisaram aquêle chão, de nós que ali respiramos, e sentimos, e vivemos, e sonhamos, alguma coisa ficou, e vive. Não somos fantasmas; para nós, essa gente que está morando hoje na casa é que é fantasma — seres vagos, sem substância nem face. Eu me lembro de um momento, uma tarde, sob as árvores, sobre o manso mar; o Rio de Janeiro parecia tremular na distância, havia um pássaro...

Lembro outros momentos. Mas o barco deixa longe, a boreste, numa névoa de luz, Icarai. Lá ficou um ginásiano passeando pela praia, morando numa casa do Campo de São Bento. Ele vai neste barco, já bordeja o velho forte, vai para uma praia qualquer entre palmeiras, vai distraído, deixando a melancolia na esteira de escumas, vai na proa, calado, sem pensar, quase sem sentir, apenas sentindo que está indo, que vai, sem nem querer saber para onde vai indo.

198